

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.—Para os Estados 28\$000 e 13\$000.—Numero avulso 500 réis.

DIRECCÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

HENRIQUE DE MESQUITA.	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE .	A.
A UM LENTE.	L. de M.
A MÃO DE MARMORE .	Ad. Caminha.
SIMILE .	Arthur Andrade.
UTIL INDA BRINCANDO.	Arthur Azevedo.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico da
DOUTORA ERMELINDA VASCONCELLOS DE SÁ

HENRIQUE DE MESQUITA

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 15 de Março de 1848.

Desde a mais terna idade revelou pronunciada vocação para a arte a que se dedicou. Aprendeu a tocar piston, e tornou-se exímio nesse instrumento.

Entrou muito criança para o Imperial Conservatorio de Musica. Foi seu professor de harmonia o *maestro* Gianini. Tinha apenas quinze annos quando alcançou a grande medalha de ouro e o premio de viagem á Europa.

Partio.

Matriculou-se no Conservatorio de Pariz, onde se distinguio bastante. Foi discipulo do famoso Bazin.

Na grande cidade começou a revelar-se como compositor. Estreiou-se com uma brilhante *ouverture* intitulada *L'étoile du Brésil*, e executada pela excellente orchestra da *Closerie des Lilas*, que já não existe. Essa composição foi delirantemente applaudida pelos parizienses. Escreveu depois, além de outras coisas, uma bonita quadrilha, *Les soirées brésiliennes*, que se popularizou em França, e depois no Brasil, onde ainda hoje é ouvida.

O velho Dr. De Simoni, sabendo que elle vivia em Pariz a escrever composições ligeiras e tinha desejos de atirar-se a um trabalho de folego, mandou-lhe do Rio de Janeiro um libretto de opera, escripto em portuguez. Mesquita entregou-se de corpo e alma á musica d'esse libretto, e em pouco tempo remetteu para a sua cidade natal a magnifica partitura do *Vagabundo*.

A peça foi immediatamente representada, no theatro Provisorio, pela famosa companhia de opera nacional que então aqui havia, e mais tarde executada, de modo mais satisfatorio, por uma companhia italiana.

A boa impressão produzida por tão sympathica primicia foi duradoura e profunda. Todos os diletantes do Rio de Janeiro e n'aquelle tempo os havia mais numerosos e sinceros que hoje) mostraram-se concordes em proclamar o *Vagabundo* uma opera inspirada e bem feita, digna de ser exhibida em qualquer theatro da Europa.

Entretanto, estava escripto que o nosso maestro nunca mais, até hoje, produziria outra obra de tanta importancia artistica. Escreveu muito, escreveu sempre, mas não fez ainda outro *Vagabundo*. Não o culpemos: faltou-lhe tudo, desde a protecção official até o libretto... Ah! se elle se tivesse deixado ficar em França como Carlos Gomes se deixou ficar na Italia...!

Mas... não divaguemos, que o *Album* não tem espaço para divagações:—De volta da Europa, Henrique de Mesquita, que aliás parecia destinado a exercer no seu paiz as mais altas funcções artisticas, foi tocar piston na orchestra do Alcazar.

Para consolar-se, pegou n'um libretto francez de opera-comica en l'acto, *Une nuit au chateau*, provavelmente aproveitado já por outro compositor, e pol-o em musica. O empresario Arnaud, que era atilado e entendia do seu officio, não perdeu o ensejo de apresentar ao publico fluminense um novo trabalho do festejado autor do *Vagabundo*.

A peça agradou bastante no theatrinho da rua da Valla. Ouvi-a, alguns annos depois, em portuguez (?), na Phenix, onde teve muitas representações consecutivas. E' um mimo, um primor; filia-se

á genuina escola franceza; não envergonharia um Victor Massé ou um Léo Delibes.

Em 1869 deixou Mesquita o Alcazar pelo Jardim de Flora, chrisnado pouco depois em Phenix Dramatica pelo empresario Jacintho Heller, que elle durante longos annos acompanhou como regente de orchestra e «ensaiador de córos e primeiras partes.»

Para a companhia Heller escreveu a musica do *Trunfo ás avessas*, de França Junior, opereta que teve mais de cem representações, e a do *Ali-Babá*, o eterno *Ali-Babá*, em que havia o celebre tango dos pretos (que deu a volta ao mundo) e a melancolica e inolvidavel marcha do elephante, sufficientes para a boa reputação do nosso artista. Escreveu ainda as partituras das magicas *Princeza Flor de Maio*, a *Coroa de Carlos Magno*, o *Vampiro*, a *Loteria do Diabo*, a *Gata Borrallheira*, etc.; em todas ellas notam-se qualidades de primeira ordem, trechos de uma suavidade e frescura admiraveis, e, sobretudo, uma grande originalidade, que é a virtude predominante do mestre.

A proposito, direi que, em 1887, achando-se em Campinas, berço de Carlos Gomes, Mesquita escreveu uma originalissima composição que se popularizou bastante, na qual se nota, engenhosamente encartado n'um motivo de polka, em contra canto, a conhecida phrase *Sento una forza indomita*, do *Guarany*.

N'esse genero o nosso maestro tem composições que encheriam albuns e albuns. São d'elle as mais bonitas quadrilhas que ainda se dansam no Brasil, — sem fallar em valsas, polkas, romanças — romanças que nada ficam a dever ás de Tosti — etc.

O governo portuguez em 1877 agraciou-o com o habito de Christo. O governo brasileiro nunca o distinguio, nem mesmo quando elle escreveu a esplendida cantata que inaugurou não sei que exposição nacional, na Casa da Moeda.

Accrescentarei apenas que Henrique de Mesquita é professor do Instituto Nacional de Musica e organista da capella de S. Pedro.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Para mim, Ramiz Galvão foi o Christo d'esta semana santa. Escrevo uma heresia? Deus me perdoe...

Não é a sympathia pessoal que falla: não conheço, nem mesmo de vista, o desgraçado pae.

Mas que Paixão maior do que a sua? Sinto-me cheio de piedade e respeito diante do inqualificavel desgosto que o esmagou.

*

Quando o corpo de Christo despregado
Foi do madeiro infame em que jazia,
Banhada em pranto a misera Maria
Deitou-o ao collo quente e immaculado;

E, beijando-lhe o sangue coagulado
Que uma chaga sacrilega vertia,
A dolorosa mãe assim dizia
N'um tom de voz por lagrimas cortado:

«Querido filho, como padeceste!
Mas ha na minha dor menos conforto
Que em todos os tormentos que soffreste!

Tortura agora inda maior supporto:
Aos teus padecimentos faltou este,
Fundo e cruel, de ver um filho morto!»

Esses máos versos, escriptos ha quatro annos, têm applicação á desgraça que acaba de ferir o meu illustre collega. Mas a Morte não se contentou de levar-lhe um filho: levou-lhe tres, no espaço de quinze dias...

Não sei como se resiste a um infortunio tamanho!

*

O Brasil perdeu tambem um filho, um filho muito distincto, o barão de Aguiar de Andrade, que falleceu em Washington, fulminado por uma apoplexia.

Era uma das figuras mais antigas, mais respeitaveis e mais sympathicas do nosso corpo diplomatico; honrava sempre o Brasil onde quer que o representasse.

*

Mas... deixemo-nos de tristezas! Rompam-se as alleluias da chronica! Fallemos do balle organizado por Jovino Ayres, Osorio Duque-Estrada e Alvares de Azevedo Sobrinho, em favor do Lyceu de Artes e Officios.

Dizem que a festa não esteve grande coisa... Mas tambem que ideia a de dar um baile em São Christovam! O *high-life* brilhou pela ausencia. Botafogo, as Laranjeiras e o Cattete não se fizeram representar.

Estava presente o autor dos *Humorismos*. Como esse espirituoso jornalista gosta de contar casos do bairro de São Christovam, é provavel que qualquer dia nos diga alguma coisa a respeito do *cotillon*, que, segundo me consta, deu agua pela barba ao Dr. Fernando Mendes, que o dirigio.

Que diabo! porque não deram o baile no Cassino? Convençam-se: não ha no Rio de Janeiro outra casa para esse genero de festas.

*

Entretanto, é de justiça reconhecer o esforço e a boa vontade dos organisadores do baile, e elogiar a mimosa polyanthéa distribuida como prenda do *cotillon*, collaborada por quinze pennas illustres.

Machado de Assis alli figura com algumas linhas, que transcrevo, para ficarem preciosamente guardadas no *Album*:

«Deixae que a vossa mão esquerda saiba o que faz a direita, para fazer mais que ella; deixae que a vossa mão direita saiba o que faz a esquerda, para fazer mais que ella. Dae com ambas as mãos, e não sahireis do Evangelho».

Bravo!

*

A nota litteraria da semana foi o apparecimento do *Aborto*, romance de Figueiredo Pimentel.

Ainda o não li, e creio que não o hei de ler, porque o Coelho Netto, no proprio *Paiz*, a cuja redacção pertence o autor, me prevenio contra a obra.

Trata-se, ao que parece, de um livro de escandalo. O romancista quiz fazer, no terreno da litteratura, o mesmo que o Dr. Abel Parente quiz fazer no terreno da sciencia. Tanto um como outro me obrigam a tapar o nariz, o que é incommodo.

Figueiredo Pimentel, faça outro livro. mas deixe-se de escandalos.

*

A proposito de escandalos:

Um telegramma de Pariz transmite-nos a noticia de ter Baihaut, o ex-ministro que se vendeu á companhia do Panamá por alguns milhares de francos, envelhecido dez annos durante o processo que o levou á cadeia.

Dez annos? Não seriam nove? Não seriam onze? — Não; se o telegramma diz que foram dez, é porque foram dez. Apenas observo que a noticia d'esse phenomeno physiologico podia esperar mais vinte dias... sem envelhecer, deixando em paz o telegrapho, que foi inventado para casos mais importantes embora menos extraordinarios.

Por exemplo: o caso d'aquelle governador do Perú, que assassinou um homem para roubar-lhe uma vacca, segundo outro telegramma.

Ao que parece, as coisas no Perú vão peor que aqui. No Brasil alguns governadores têm pintado a saracura, mas — justiça se lhes faça — nenhum d'elles deu ainda em assassino e ladrão de vaccas.

Vinham a pello algumas palavras sobre os soldados de certa brigada policial, muito boa para... o Perú; mas a chronica já excedeu os limites que lhe estão marcados nestas columnas.

*

Duas linhas, só duas linhas mais, sr. paginador do *Album*, apenas para lamentar o desaparecimento da *Folha Azul*.

A.

A UM LENTE

Eu fallo do villão por excellencia,
Do Judas que trahio a Academia,
Cão leproso que a nossos pés gania
E hoje quer de leão ter apparencia.

Uma infamia das suas mataria
De remorso a mais negra consciencia;
Tomando humanas fórmãs, a Impudencia
Só de lhe ouvir o nome coraria.

Os homens se envergonham porque é homem;
Seu cadaver a terra rejeitára...
Embalde, porque os corvos não lh'o comem.

Minha penna de nojo hesita e pára...
Com este nem palavras se consomem;
C raria um escarro nessa cara!

L. DE M.

S. Paulo, 1871.

A MÃO DE MARMORE

A ARTHUR AZEVEDO

Um excentrico, o Luciano, um typo original e bem acabado de artista mysantropo, todo platonismo e sensibilidade, vivendo a seu modo uma vida calma de doente incuravel.

Preocupava-me como um problema difficil aquella simples caixinha de velludo azul claro, sempre no mesmo logar, em cima da secretária, mysteriosamente immovel, n'uma quietação teimosa de sphinge, enchendo, ella só, todo o pequenino gabinete de não sei que boa e communicativa alegria.

Todo o poeta occulta algo absconso e impenetravel que se traduz em melancolias profundas e recolhimentos asceticos.

O meu amigo não escapava a essa lei fatal que muita vez transforma um artista n'um urso... D'ahi, talvez, o seu modo original de ver as coisas, de encarar a vida, e as suas frequentes extravagancias de bohemio incorrigivel.

Em materia de amor, por exemplo, ninguem mais exigente, ninguem mais pueril do que elle. Não admittia, sob pretexto algum, que a amante lhe fallasse com enthusiasmo n'outro homem, fosse elle muito embora o Sr. Armand Duval, o Sr. Conde de Camors ou o Sr. primo Basilio, que, por fim de contas, são meros personagens de romances. Arrufava-se vinte vezes ao dia, sem motivo, por um excesso de amor egoista, e raro entrava em casa que não fosse de cara fechada, ba-

tendo portas, furioso, maldizendo as mulheres sem excepção.

— Umás perfidas ! Desde Eva até Magdalena todas a mesmissima coisa, os mesmos artificios, o mesmo processo de commover pelas lagrimas !... Não, elle não se enganaria mais !

E, no dia seguinte, lá ia, rua abaixo, trauteando baixinho, direito como um fuso, á casa da Rosita, como se nada tivesse acontecido.

Adoravel, esse Luciano !

*

Rosita era uma esplendida *muchacha* a quem não faltava espirito nem amor. Fugira aos vinte annos com Luciano e nunca mais o deixára por coisa alguma, assim como tambem nunca mais puzera os pés no palco, trocando todas as suas glorias de dansarina admiravel pelo grande amor de um artista apaixonado. Muito sensivel e franzina, foi definhando, definhando, até que um bello dia (por signal arrulhavam pombos no telhado)—pobre Rosita !...— mandaram-n'a sem dó nem compaixão para debaixo da terra, dentro de um caixão forrado a setim cõr do céu, toda de branco (extravagancia de Luciano), em trages de Nossa Senhora de Lourdes, muito alva, duas rosetas de carmim nas faces... Cortava o coração ver aquella creatura que nunca fizera mal a ninguem, tão boa, e cuja vida fõra um rosario de dedicações impagaveis, ir-se deitada n'um esquife, inteiriçada e fria como qual-quer bloco de marmore...

Eu por mim, confesso, achei aquillo uma iniquidade.

Luciano, esse, recebeu o golpe de frente, sem uma queixa, com os olhos enxutos de dor !

Mumificara-se diante do cadaver da amante.

Ah !... ia-me esquecendo a caixinha de velludo azul.

Foi justamente sete dias depois do enterro de Rosita que a vi sobre a secretária do meu amigo.

— Que é isso, ó menino ?

— Nada... Um presente.

— Segredo ?...

— Sim, segredo...

Calei-me para não ser indiscreto, mas Deus sabe a curiosidade que me fustigava o espirito.

Finalmente, tanto pedi, tanto instei, que Luciano condescendeu, entregando-me a chave do *segredo*.

O' manes de Phydias, ó espirito immortal de Praxiteles, ó alma de Benèvenuto Celini, se visseis o que eu vi dentro da caixinha azul de Luciano, certo o vosso divino orgulho de artistas se abateria ante a mais perfeita de todas as creações humanas, essa assombrosa mão de marmore, esse primor de esculptura, essa mão fina e aristocratica tão bem feita e tão delicada que dava vontade á gente de beijal-a, mordel-a, adoral-a de joelhos como a um amuleto sagrado !

Fiquei estatelado e quasi acreditei na ressurreição da carne.

— E' a mão de Rosita, disse-me Luciano com um sorriso triste.

— E porque não lhe esculpiste antes o coração em marmore ? Seria até mais poetico...

— Fõra preciso rasgar-lhe o peito, e eu amava-a muito, meu amigo. Primeiro o amante, depois o artista.

E duas grossas lagrimas cristalisaram-se nas faces do maior artista que eu já conheci.

AD. CAMINHA.

SIMILE

A EZEQUIEL RAMOS JUNIOR

Numa jaula de ferro, um carcere potente,
O leão, tranquillo, habita. O seu grandioso vulto
Não gera mais pavor ! Elle é apenas valente
Nas florestas sem fim, nas solidões occulto.

Hoje é manso, mas forte. Uma vez, levemente,
Calcaram seu poder. Ultriz, não teve indulto.
Desajoujando á fauce o verbo omnipotente,
Partio grades, matou, gloriosamente exulto !

Eu tenho como a jaula um leão no peito — o ciume.
Basta que o teu olhar ao mundo esplenda um lume,
Dês o pão de teu riso, o riso que me doura,

P'ra elle urrar como a fera immensa, em liberdade ;
Mas não mata o rival, não fere a humanidade,
Crava as garras no peito, e o coração estoura !

ARTHUR ANDRADE.

UTIL INDA BRINCANDO

A URBANO DUARTE

I

Uma noite o Leopoldo das Neves encontrou no Passeio Publico o Viriato Lopes, o Viriatinho da Estrada de Ferro, um bom camarada que ha muito tempo não via.

E, como os dous amigos se encaminhassem para o terraço, o Viriatinho chamou a attenção do outro para uma bonita mulher que descia a escada em companhia de um sujeito gordo.

— Oh, diabo ! é a Clotilde ! exclamou o Leopoldo das Neves.



HENRIQUE DE MESQUITA

E, levando o amigo pelo braço, embarafustou com elle pela sombria alameda que contorna o lago.

— Que é isso ? Foges d'aquella mulher ?

— Como o diabo da cruz!

— Porque ?

— Porque me amola; se ella me visse, amanha eu seria obrigado a explicar por miudo o que vim fazer ao Passeio Publico!

— Amola-te? Ora essa ! Eis ahi o caso de dizer-se que dá Deus nozes...

— Perdão, eu tenho muito bons dentes !

— N'esse caso, és difficil!

— A Clotilde não é o meu typo.

— Pois é bonita como seiscentos diabos!

— Não nego; mas o meu ideal é outro. Eu quizera que a minha amante fosse alta, magra, loura, alva, de olhos azues, e tivesse vinte e quatro annos, quando muito. Quizera tambem que fosse viuva, conhecesse um pouco a Europa, e, sem ser litterata nem artista, gostasse das letras e das artes.

— Queres muita coisa junta!

— A Clotilde é o contrario de tudo isso: é mais baixa que alta, é mais gorda que magra, é morena, tem olhos castanhos, e já completou a idade exigida para a senatoria...

— Do Imperio ?

— Não; da Republica. — E' a digna esposa d'aquelle negociante anafado e suarento que viste passar; adormece no Lyrico ouvindo o *Othelo*; dá o cavaquinho pelos chromos do Guimarães & Ferdinando, e delicia-se com a leitura de Xavier de Montépin, — traduzido, note-se, porque ella nem ao menos sabe francez!...

— E as tuas relações com ella têm tido character platonico... ou positivo ?

— Ah, meu amigo, eu dei-lhe, infelizmente, amplo direito de perseguir-me...

— Maganão!

— Quem principiou fui eu. Que queres tu?... a curiosidade... o vicio... a poesia do adulterio... Como isso foi? Não sei. Um encontro n'uma *soirée* familiar... um aperto de mão mais forte... uma valsa... durante a valsa uma troca de lenços... no lenço d'ella um perfume capitoso e enervante... uma carta minha que ficou sem resposta... outra... outra ainda... outra, que foi respondida afinal... uma entrevista concedida depois de uma luta homérica entre duas fomes de beijos...

— Bonito !

— Uma entrevista em casa de uma cartomante da rua da Assembleia... Duas horas de prazer, e quatro annos de captivo e arrependimento !

— Quatro annos?

— Sim, meu Viriatinho, ha quatro annos que isto dura; ha quatro annos hypothequei a minha liberdade, o meu socego e o meu bom humor; ha quatro annos vivo aguilhoado a essa mulher, que se encontra commigo de oito em oito, de quinze em

quinze dias, furtivamente, ás pressas, mas que me escreve todos os dias, e me atormenta com protestos, exigencias, lamurias, ameaças...!

E Leopoldo das Neves interrompeu a lista das impertinencias de Clotilde, batendo violentamente com a bengala na relva :

— Quatro annos ! Ha quatro annos — calcula ! — tenho o coração nas mãos, receioso que de um momento para outro o marido descubra tudo, ponha-a na rua a pontapés, e eu seja obrigado a ficar com aquella trouxa ás costas!...

— Vejo que já não a amas.

— Nem nunca a amei ! Foi um capricho... Quinze dias depois da nossa primeira entrevista em casa da cartomante, já eu estava farto e aborrecido !

Os dous amigos encaminharam-se para o terraço.

A noite estava esplendida. Não havia luar, mas os astros brilhavam intensamente na profunda escuridão do céu. As ondas, derramando-se na praia, pareciam alvissimas rendas franjando uma enorme colcha azul.

— Queres um conselho, Viriatinho ? Foge das ligações d'essa especie !

— Ah! de que me serve o teu conselho ?

— Porque?

— Aquí onde me vês estou ralado de inveja !

— De inveja?

— Sim, confesso-te que sorprendo cá dentro esse sentimento ignobil. Invejo a perseguição de que te dizes victima, e — palavra! — tenho ciumes, ciumes incoherentes, d'essa mulher que não é minha, que não conheço, que apenas entrevi... Eu dava dez annos de vida — vê tu lá! — pelo prazer de entrar com ella, furtivamente, em casa de uma cartomante mysteriosa e hospitaleira !

Leopoldo das Neves encarou fixamente o outro, e, depois de uma grande pausa, perguntou-lhe, segurando-o por um botão do casaco :

— Viriatinho, és meu amigo ?

— Certamente.

— Queres prestar-me um grande serviço ?

— Qual ?

— Um serviço que não te será desagradavel ?

— Que ordenas tu ?

O amante de Clotilde recuou dous passos, apontou para o lado da rua, e declamou o verso de D. Salustio :

De plaire à cette femme, et d'être son amant !

O Viriatinho soltou uma gargalhada tão cristalina e vibrante, que chamou a attenção das pessoas que passavam.

— Não te rias ! estou fallando serio !...

— Mas isso é lá possivel ! Tirar-te do lance, eu !... E ella tão apaixonada por ti !.

— Eu conheço-a como as palmas das minhas mãos; dar-te-ei as instrucções necessarias... Desde

que estejas munido de todas os recursos estrategicos, desde que saibas como atacar a praça, a victoria não será difficil.

— Olha que sou um pessimo general !

— Deixa-te de modestias! Vamo-nos embora... Pelo caminho irei te desenvolvendo o plano de ataque.

— Vamos lá !

Os dous amigos tomaram a direcção da escada.

— Não calculas como vaes ser util! disse Leopoldo das Neves, descendo.

— «Util inda brincando», accrescentou Viriatinho, descendo tambem, e apontando para o desgracioso Cupido que desde 1783 dá de beber aos fluminenses.

II

Mez e meio depois d'esse encontro no Passeio Publico, Leopoldo das Neves estava sosinho em casa, e sentia um aborrecimento de morte.

Era uma noite chuvosa e fria.

Elle tentou escrever, e não conseguiu alinhar quatro palavras; quiz ler um livro interessante, que ainda não conhecia, e fechou o volume logo depois da segunda pagina; sentou-se ao piano, e sentio as mãos pesadas como se fossem de chumbo. Accendeu um charuto, e deitou-se na cama a fio comprido, contemplando os bicos dos pés.

Tinham-se já passado quarenta dias depois que Leopoldo apresentára Viriatinho a Clotilde, n'uma *soirée*, em casa de um tal commendador Freixo.

Leopoldo tratara-a com muita indifferença, passando a noite inteira a jogar o voltarete com o marido della, um major de engenheiros e um medico. De vez em quando o Viriatinho lhe apparecia na sala do jogo, e, por gestos, o informava de que tudo corria ás mil maravilhas.

Terminada a *soirée*, sahiram juntos e, na rua, deram cincoenta passos ao lado um do outro, sem se fallar.

Leopoldo quebrou o silencio:

— Então, Cezar? Chegaste, viste e venceste?

Por unica resposta o Viriatinho tirou da algibeira um pequenino lenço e apresentou-o a Leopoldo, dizendo:

— Vê se conheces este perfume.

— Bravo!... as coisas chegaram á cerimonia, meio mahometana, da troca dos lenços?

— Tal qual como contigo. Primeiro que tudo, e modestia á parte, não ha duvida que lhe fiz certa impressão. E' que naturalmente me achou parecido com algum heróe de Xavier de Montépin. O resto já tu sabes: uns olhares ardentes e expressivos... uns apertos de mão durante a primeira quadrilha... logo em seguida uma valsa, e a troca dos lenços... Depois d'amanhan lhe escreverei uma carta...

Os dous amigos separaram-se, e, desde essa occasião, Leopoldo não mais esteve com o Viriatinho.

A correspondencia de Clotilde cessou completamente.

Durante os primeiros dias Leopoldo sentio-se feliz, alliviado — uf! — d'aquella pesada algema que durante quatro annos penosamente arrastára. Depois vieram-lhe... como direi?... remorsos. Elle recordava-se do passado; saudosas scenas se renovavam no seu cerebro inquieto.

Clotilde apparecia-lhe agora com toda a sua meiguice, com todo o seu ardor da mulher que fecha os olhos e se entrega resolutamente a um homem, como se mergulhasse no oceano.

Depois, elle passou noites consecutivas a sonhar com ella: via-a muito alta, muito magra, muito loura, de olhos azues, a tocar harpa, dizendo-lhe: — Aqui me tens! Agora, sim, agora sou o teu ideal!...

Naquella noite chuvosa e humida, Leopoldo sentia-se mais do que nunca envergonhado do seu procedimento. Por fim de contas, Clotilde era uma bonita mulher, e uma boa rapariga, que só tivera um defeito: amal-o exageradamente. E que fez elle? Uma canalhice: entregou-a ao Viriatinho, ao Viriatinho da Estrada de Ferro, um pulha, uma besta que com certeza não saberia apreciar-a!...

O ingrato monologava esta interrogação terrivel: — Já teriam ido á rua da Assembleia? —, quando ouviu bater á porta.

Foi abrir. Era o Viriatinho, que entrou alegre e radiante.

— Está chovendo: tinha certeza de encontrar-te em casa. Venho trazer-te noticias da minha conquista... Fomos hoje á cartomante!...

Leopoldo estremeceu, teve um sorriso contrafeito, e agarrou-se a um movel para não cahir.

— Apre! Custou! Escrevi-lhe nada menos de seis cartas! As tres primeiras ficaram sem resposta. Afinal, foi ella propria quem me indicou o *buen retiro* da rua da Assembleia... Talvez o mesmo quarto, heim?...

— Talvez...

— Olha: sobem-se duas escadas... abre-se uma grade de páo... entra-se n'um corredor... primeira alcova á direita... com uma janella que dá para uma area... Embaixo uma casa de fumos... E' isso?...

As palavras de Viriatinho entravam no coração de Leopoldo das Neves como outras tantas punhaladas. O pobre diabo teve impetos de agarrar n'uma bengala, e pôr pela porta fóra, a pauladas, o seu substituto; mas — que diabo! — o culpado de tudo não tinha sido elle proprio?... elle proprio não lhe indicára os meios de seduzir Clotilde?... não era esse o resultado fatal de uma combinação infame, proposta exclusivamente por elle?...

O Viriatinho observou:

— Mas... valha-me Deus! acho-te assim a modo que contrariado... Estás arrependido?

— Eu?... que ideia!... murmurou Leopoldo suffocado; que ideia!...

— Olha, se queres que te diga, acho que tinhas muita razão... A Clotilde é bonita, isso é, mas que mulher vulgarissima! que espirito acanhado!... Não tem por onde se lhe pegue!...

— Não te dizia? accudio vivamente Leopoldo, regosijado por essa opinião; a Clotilde não vale nada!

— Sabes? não estou disposto a aguentar aquillo quatro annos, como tu... Nada! Na primeira occasião desfaço-me d'ella! Quiz apenas prestar-te um serviço, e folgo de ter sido «util inda brincando.»

Alguns minutos depois, o Viriatinho sahio, e Leopoldo das Neves ficou aniquillado pelo desgosto.

Foi para o seu quarto de dormir, abriu um armario, e tirou um vidro de perfumaria, o extracto predilecto de Clotilde, ha tres annos annos esquecido no fundo d'aquelle movel. Ensopou o lenço, aspirou longamente aquelle perfume «capitoso e enervante» como se quizesse anesthesiar-se; depois, atirou-se á cama, enterrou a cabeça no travesseiro, e, n'uma crise de nervos, começou a chorar desesperadamente, soluçando o nome d'ella...

Passou assim toda a noite.

III

Ella enviuvou ha um anno. Elles casaram-se ha seis mezes.

Quando se encontram com o Viriatinho, fingem que o não conhecem.

ARTHUR AZEVEDO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Quando Lucio entrou em casa do coronel, fel-o com o mesmo respeito com que visitaria um Pantheon. Nem o menor rumor. A criada, que lhe foi ensinando o caminho do salão, calcava cautelosamente o bello tapete de Bruxellas.

No meio d'aquelle doce silencio mysterioso e lugubre, ouvia-se um relógio qualquer, que por alli perto devia estar, syllabando distinctamente o seu *tic-tac*, estas constantes onomatopeias mecanicas, que nos acompanham, do berço á sepultura, em todas as nossas intimas expansões, ou de risos ou de lagrimas.

Era uma habitação silenciosa. Não havia alli crianças, esses inimitaveis garrulos que se esguelam para nos explicarem as proezas dos polichinellos e limparem as mãos ás nossas calças. O moço espe-

rou que a rapariga se retirasse para se dar á observação do campo em que, trinta e tantas horas antes, fizera as primeiras armas do namoro levado ao serio. Lá estava o piano, aberto, e a mostrar como n'um riso de *clown* a dentadura bem provida, alinhada e em certos intervallos marcadas, pelos *sustenidos*, outras teclas d'ebano, alli encravadas como a carie que irrompeu do alveolo. Em plano superior, abria-se o conhecido e avelhantado romance de Palloni *Noi ci amavamo tanto!*...

— Não ha inuito tempo que Carmen acabou de estudar — pensou, dando-se á leitura de toda a letra do romance.

Depois, como que tomado subitamente de uma ideia feliz, tomou do lapis occulto n'um dos berloques do relógio e traçou, ao de leve, na linha inferior á do titulo da musica uma phrase eloquente e que necessariamente deveria ser lida por Carmen. E não havia duvida que adivinharia o autor d'aquella declaração.

— E' singular! — dizia consigo Lucio, á medida que ia escrevendo a phrase — eu beem reconheço que tudo isto é piegas e que tem aos olhos do mundo, aos olhos dos homens *praticos* uma phase de ridiculo. Bem sei d'isto. E' um acto de criança; entretanto, em materia de amor, temos de passar por todos estes assumptos comicos.

E nisso retirou o braço para contemplar a obra.

O titulo *Noi ci amavamo tanto* era como que um brado de recrdção e saudade e o que o moço terminára de escrever era um verdadeiro appello ao futuro, uma promessa, um protesto á ingratidão. A côr acinzentada da plumbagine sombreava a primeira phrase. A segunda que alli acabava de ser gravada dizia assim: *Noi ci amaremo ancora.*

— Decididamente tudo isto faria morrer de riso aquelle turbilhão de rapazes parizienses, com quem passei dias e noites a escrever poesias á Byron e a praticar exemplos de Jacques Rolla.

E deu alguns passos pelo salão, como quem principiava a ser dominado por um ambiente fastidioso.

De repente, u'um momento de abstracção, d'esses que nos levam a curvar a fronte, e a fixar o olhar n'um ponto do assoalho, como se por ventura alli, n'um foco, se reflectissem todos os pensamentos e se resumisse o muido exterior, a cuja parte determinada dedicamos o nosso ser, appareceu-lhe, morta e ainda com uns tons longinquos da antiga côr, uma rosa, vestigio de adorno mulheril, que por accaso escapára ás funcções domesticas das barbas de uma vassoura.

Lucio levantou-a, e, por associação de ideias, disse consigo que aquella flor se parecia com a que Carmen trazia aprisionada nas tranças durante a noite do sarão. Approximou-a do rosto. Aspirou-a.

O perfume transformara-se n'um bafio de bolor.

— Como o amor das mulheres — murmurou atirando a flor sobre um dos moveis proximos — embriaga nos primeiros tempos e perde-se depois.

E, como ponto final daquella philosophia infantil, voltou-se, ao mesmo tempo que a voz da criadinha o convidava a dirigir-se ao quarto da doente.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

Adolpho Caminha, o autor do conto a *Mão de Marmore*, que hoje publicamos, tem no prelo o romance a *Normalista*, que está sendo editado pelos srs. Magalhães & C.

THEATROS

Depois da *Mascotte*, com uma bella Betina, a senhorita Cifuentes, deu-nos a companhia do Polytheama a *Guerra Santa*, um dramalhão-zarzuela, que já me apanhou uma vez n'outra época, e não me apanha segunda nem por um decreto.

*

Está annunciada para hoje, no theatro D. Pedro de Alcantara, a estreia de uma companhia dramatica dirigida pelo actor Medeiros. Representa-se a *D. Iñez de Castro*, desempenhando a actriz Isolina Monclar o papel da misera e mesquinha, o actor Bernardo Lisboa o de Affonso IV e o empresario o do principe D. Pedro. Este, mais que nunca, merecerá agora o seu cognome de *crú*. Vale a pena assistir a esse spectaculo de 1º de Abril... e de sabbado de alleluia.

*

Nos outros theatros nada de novo.

X. Y. Z.

Encontrámos na *Pacotilha*, do Maranhão (n. 61, de 13 de Março) o seguinte artigo com relação ao fallecimento de Victor Lobato, cunhado do nosso amigo e collega Arthur Azevedo, director do *Album*:

« A *Pacotilha* não espalha somente um punhado de saudades sobre a sepultura em que descansa Victor Lobato: ella ajoelha-se, curva-se e rega de lagrimas a pedra funeraria que cobre o cadaver do seu fundador.

Creação do espirito potente d'esse moço, que não conhecia as tibias da fraquesa, nem o desanimo das almas faltas de energia,

ella sente dominal-a a magua pungente de filha, diante da morte d'aquelle a quem deve o seu apparecimento e que lhe foi o guia seguro e solícito na luta tormentosa dos seus primeiros annos.

Se a vida de Victor Lobato não se resume na da *Pacotilha*, é inseparavel da tradição da *Pacotilha* o nome insigne do seu emerito creador.

Desde 1880, quando ella apparecia, em dias incertos, n'um formato pequeno, até ha tres annos atraz, quando elle d'ella se separou, encontra-se palpitante e vivo nas columnas d'este jornal o cunho da admiravel individualidade do seu primeiro redactor, a quem nós, seus companheiros de trabalho, sagravamos a veneração que se tem pelos mestres.

Em todas as campanhas em que a *Pacotilha* tomou parte, desde o combate ao clericalismo, que lhe emoldora os primeiros tempos da existencia, até a guerra à escravidão, e mais tarde o esforço pela pureza do ideal republicano, em todas ellas destacavã-se, como um astro de primeira grandesa, o talento fulgurante e altivo do seu chefe de redacção.

E era esse o elemento em que o espirito de Victor Lobato se sentia á vontade. Homem de acção, a pugna, por mais renhida que fosse, tinha para elle attractivos magneticos.

O mar morto da calmaria podre em que se revolve o jornalismo de provincia, reduzido a official de registro do que se passa no centro e annunciador das occorrencias policiaes e contravenções das posturas da edilidade, infundia-lhe tedio invencivel e um mal estar indissumalavel.

O seu talento procurava as raias amplas, em que a intelligencia se afunda no apostolado d'uma ideia generosa que surge ou d'um principio são que entra em liça, arcando com os prejuizos inveterados de uma raça, os preconceitos de uma época ou os supostos interesses de uma classe.

Com essa tendencia natural para as grandes campanhas, que a civilisação fere no seu caminho, era a imprensa o campo em que elle devia occupar um logar de combatente.

E Victor Lobato assim entendeu. Depois de fundar o *Jornal para todos*, de publicação quinzenal, oruado algumas vezes de desenhos lithographados, e de crear a *Flecha*, com os mesmos companheiros com quem havia levado a effeito aquella folha popular, sentio-se prompto para a carreira jornalística: deu a sua demissão de empregado na secretaria do governo e devotou-se exclusivamente á imprensa, onde colheu tantos triumphos, quantas foram as batalhas que travou.

Arrastado por ultimo para a vida industrial, que lhe assegurava melhor futuro do que a lide afanosa em que gastava as maiores forças da sua intelligencia superior, deixou a *Pacotilha*, sua criação, retirando-se saudoso para o interior do nosso Estado.

Lá mesmo o foi surprender o reconhecimento da opinião publica, chamando-o a occupar um logar no Congresso Constituinte de 1891.

Eleito, sem que tivesse formulado o menor pedido, ou demonstrado, de leve que fosse, querer ter um assento na primeira legislatura republicana do Maranhão, veio á capital, tomou posse do cargo, e o seu parecer franco e esclarecido, emittido despretenciosamente nas discussões da revisão do projecto constitucional, foi por vezes a luz que guiou o voto da commissão encarregada desse trabalho.

Os acontecimentos politicos de dezembro d'esse anno privaram o Estado da valiosa cooperação de Victor Lobato no seio do Congresso, onde, nas sessões ordinarias, egualmente haveria de ser de grande proveito publico o seu concurso intelligente e leal.

Morto aos 39 annos de idade, sem que se podesse tornar tão util á industria quanto fora á imprensa, deixou, entretanto, prova segura de sua capacidade n'esse ramo de actividade, não só na pequena fabrica de que estivera á frente como co-proprietario, como na gerencia que fez, em alguns mezes, do importante estabelecimento da Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense.

Quanto aos outros prismas, porque pôde ser enfrentada a sua sympathica personalidade, quem o conheceu, e não foram poucos, attestarao, como nós, que elle foi um exemplo de honestidade, um filho devotadissimo, irmão extremoso, marido dedicado e pae exemplar.

Esse conjuncto de virtudes, que o faziam estimado por todos, ha de rodear a sua memoria da affeição e admiração dos que tiveram a felicidade de gosar da sua intimidade.

Curvada sobre a sepultura que guarda o corpo do seu fundador e amigo, a *Pacotilha* alonga o olhar mareado de lagrimas, e, em voz respeitosa e transida pela angustia, apresenta os seus pezames á inconsolavel familia de Victor Lobato. »